

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2006 - ANO X - Nº 117

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

O país está em festa. Em época de eleições, celebramos a democracia, ocasião em que o cidadão tem oportunidade de escolher, por meio do voto, seu representante político, para que este seja porta-voz de suas idéias e opiniões.

A democracia brasileira, uma das maiores do mundo, conta com quase 126 milhões de eleitores.

Ao longo dos últimos dezoito anos, desde a promulgação da Constituição de 1988, a chamada Consituição Cidadã, as instituições democráticas fincaram raízes e se desenvolveram. Amadurecem dia a dia. A eleição é apenas um passo rumo à sua consolidação. Mas, para que ela aconteça é necessário muito mais do que o voto. Faltam ao cidadão brasileiro mecanismos efetivos de controle sobre seus representantes.

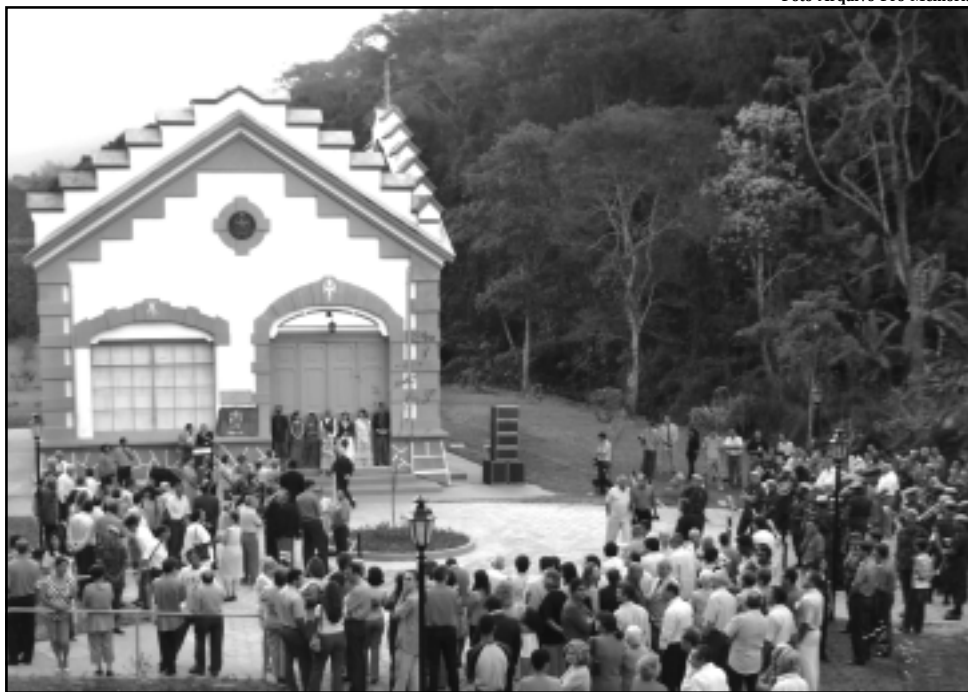
Falta a cristalização de uma cultura permanente de questionamento e vigilância, de crítica e de auto-organização política. Apesar do desencanto por parte da população com significativa parcela de nossas lideranças políticas que se enveredam por diferentes mecanismos de corrupção, de desmandos e falcaturas, é preciso votar e, principalmente, acompanhar o trabalho de quem recebeu nossos votos.

Sem eleições não há democracia. Mas a democracia por todos desejada não se resume ao dia do pleito. Depende de que cada eleitor, uma vez feita sua escolha nas urnas, possa se mobilizar para que seu voto se faça valer. O exercício de participação tem início no município, com o cidadão acompanhando os trabalhos do Legislativo e as ações do Executivo local, e se estende para as Assembléias Estadual e Federal. Hoje, com modernos e eficientes meios de comunicação, é muito mais fácil acompanhar as ações dos eleitos.

É direito do cidadão exigir dos políticos o cumprimento dos princípios democráticos com transparência, em todos os atos da ação pública. Cabe à Justiça zelar por eles e punir os que deles se afastam.

O vigor da democracia não depende apenas do voto, mas da consolidação de uma política vigilante, crítica e ativa.

Somos 126 milhões de eleitores. É preciso, no entanto, que sejamos, de fato, 126 milhões de cidadãos.



Com a inauguração desse espaço, único no Vale do Paraíba, o Memorial passou a ser referência obrigatória para todos os que visitam o município de Piquete.

Memorial Usina Rodrigues Alves

Piquete ganhou de presente da IMBEL/FPV, no último dia 15 de setembro, um Memorial, espaço destinado a ser guardião de um capítulo significativo da história de Piquete: as primeiras obras militares na região, a construção de um ramal ferroviário e a implantação de uma fábrica de pólvora sem fumaça.

Instalado no edifício da antiga Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, totalmente restaurada e adaptada, o espaço foi denominado Memorial Usina Rodrigues Alves.

Desativada havia décadas, a antiga usina encontrava-se abandonada. Sensível à importância desse patrimônio de valor histórico para Piquete, o general Álvaro Henrique de Moraes, vice-presidente da IMBEL, tomou a iniciativa de recuperá-la em seu centenário. Para isto, promoveu uma série de reuniões com representantes da IMBEL/FPV, da Diretoria de Assuntos Culturais do Exército (DAC) e da Fundação Christiano Rosa. Contou, também, com a colaboração de Wanderley Sardinha e de Saulo Caetano da Silva.

A Fundação Christiano Rosa, parceira da IMBEL nesse trabalho, disponibilizou seu acervo fotográfico e documental colecionado ao longo das últimas décadas. Entre as centenas de imagens desse arquivo, fez-se uma seleção preliminar e as fotografias escolhidas, muitas totalmente desgastadas pelo tempo, foram digitalizadas e tratadas por Marcos Rogério Rodrigues Ramos, que,

com paciência e profissionalismo, as recuperou. Após trabalho de pesquisa, essas fotos foram didaticamente legendadas. A fim de garantir a excelência dos textos, foi fundamental a colaboração do professor Francisco Máximo Ferreira Netto. O projeto contou, também, com o trabalho da BLITZ Design Gráfico e Montagem, do Rio de Janeiro, que elaborou e montou a exposição permanente instalada no Memorial, que se tornou efetivo graças ao apoio cultural da POUPEX.

Com a inauguração desse espaço, único no Vale do Paraíba, o Memorial passou a ser referência obrigatória para todos os que visitam o município de Piquete.

Nos painéis do Memorial, estão expostas as visitas ministeriais que ocorreram a convite do Barão da Bocaina, a escolha do local para a instalação da Fábrica, as comissões construtoras do Exército, os primeiros operários e militares, e as inaugurações ocorridas em setembro de 1906. Essas fotografias são fontes históricas abertas a múltiplas significações. Guardam amplo potencial de informações contidas nas inúmeras imagens que servem de subsídio para conhecermos parte do desenvolvimento sócio-econômico do município. São fontes inesgotáveis de emoção. Dão-nos a noção precisa do micro-espaço e do tempo ali representados, estimulando a mente à lembrança, à reconstituição, à imaginação.

Imagem - Memória

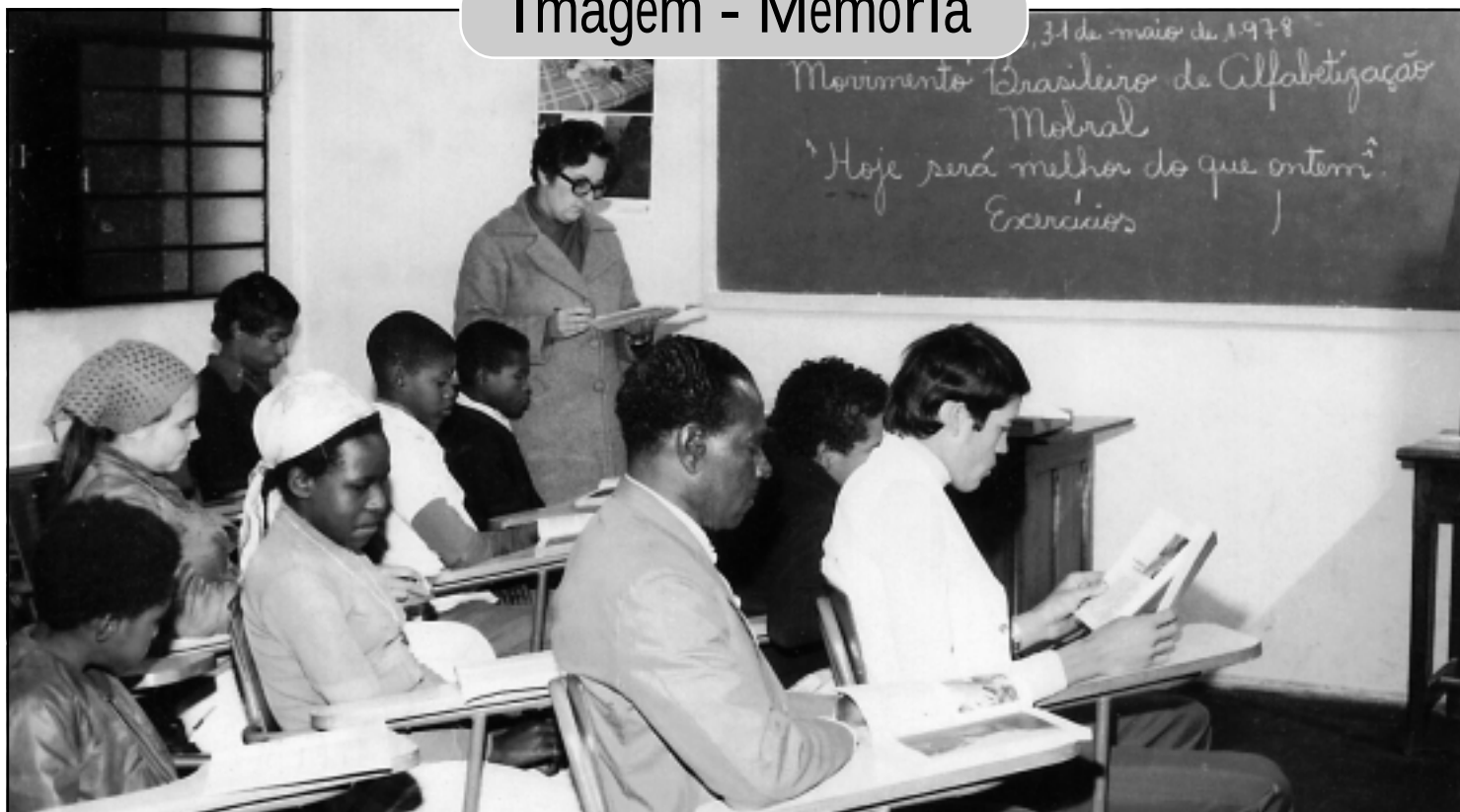


Foto arquivo Pro-Memória

“O MOBRAL não somente alfabetizava, como abria caminhos para que o “mobralense” pudesse exercer sua cidadania, participando do dia-a-dia da cidade. O projeto estendeu-se até 1985. (...) Reconhecido internacionalmente, vários países em desenvolvimento adotaram sua metodologia.”

Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

No Brasil do século 19, ler e escrever eram privilégios de poucos. Essa assertiva fica evidenciada quando observamos o primeiro recenseamento feito no país, em 1872, ainda no Império, em que se constatava que dos quase 10 milhões de habitantes apenas 150 mil freqüentavam escolas primárias e 10 mil recebiam instrução em escolas secundárias.

As estatísticas da época demonstravam que havia no país poucas escolas. Assim, os resultados não podiam deixar de ser desastrosos. No início do século 20, mais de ¾ da população não sabiam ler ou escrever. Essa situação veio melhorando lentamente. Em 1940, somente 27% das crianças entre 6 e 15 anos de idade recebiam instrução escolar e o analfabetismo chegava a 56,7%. Em alguns estados do Nordeste, principalmente entre as mulheres, ultrapassava 75%. Toda essa gente era praticamente marginalizada com relação à vida nacional, não participando ativa e conscientemente do crescimento do país e sem usufruir de seus resultados.

Para reverter essa situação, o governo criou, em 8 de setembro de 1970, no Dia Internacional da Alfabetização, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), com a finalidade de erradicar o analfabetismo no Brasil. Esse projeto contava com a ajuda da população estudantil em todos os recantos do país e era voltado para a população com idade acima de 15 anos que não soubesse ler ou escrever e que, em pouco tempo, pudesse receber os rudimentos da alfabetização. A esses cursos seguiam-se, complementarmente, centros de

educação continuada de adultos, cujos alunos recebiam a chamada “Educação Integrada”.

Houve uma afluência maciça de iletrados ao Movimento, conscientes do valor da educação. Para estender o projeto por todo o país, o MOBRAL realizou convênios com as secretarias de educação dos estados e dos municípios, fornecendo material didático para as redes de cursos supletivos.

Em Piquete, o recenseamento de 1970 realizado pelo IBGE apontava na população urbana de 12.612 habitantes, 910 analfabetos na faixa etária acima de 15 anos. A partir desses dados, o prefeito Luiz Vieira Soares nomeou, em 13 de março de 1972, a “Comissão Municipal do MOBRAL”, com a finalidade de implantar o projeto no município. Essa comissão teve como presidente a professora Dulce Bittencourt D’Amico e como secretária Maria do Carmo Fernandes, contando, ainda, com o apoio do professor João Gomes de Souza e de Miguel Gosn. Em 3 de abril, foi firmado convênio com o MOBRAL e postos foram instalados em diferentes pontos da cidade e na zona rural.

Foram matriculados 375 alunos e, em poucos meses de aulas, 124 estavam alfabetizados e puderam retirar seus títulos de eleitor. Esse resultado agradou a todos, o que mobilizou a população para uma campanha por novos alunos. Foram criados um posto cultural, com biblioteca que atendia não somente os alunos como a comunidade, oficinas de artesanato, num trabalho de valorização da cultura e do folclore piquetense. Essa iniciativa resultou,

em 1978, no governo do prefeito José Armando de Castro Ferreira, na primeira Feira do Folclore de Piquete, que contou com o empenho da pesquisadora e folclorista professora Ruth Guimarães. Resgataram-se o jongo, a folia-de-reis, a moda-de-viola, o tropeirismo, o artesanato, as comidas e as festas tradicionais do piquetense.

O MOBRAL não somente alfabetizava, como abria caminhos para que o “mobralense” pudesse exercer sua cidadania, participando do dia-a-dia da cidade. O projeto estendeu-se até 1985. Seu sucesso deve-se ao trabalho de inúmeros cidadãos e professores da cidade, entre eles Adelina Bangoin, Maria Goreth Freire, Jorge Jofre, Cecílio Ferreira, Isa Ângelo Barbosa, Terezinha Oliveira, Elisabeth Freire, Pedro Augusto. O MOBRAL foi reconhecido internacionalmente e vários países em desenvolvimento adotaram sua metodologia, adaptando-a às suas peculiaridades.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Eunice Fernandes

Eunice Fernandes nasceu na cidade de Piquete-SP, em 07/09/1928, filha de Eurico Fernandes e Maria de Lourdes Fernandes. Completou seus primeiros estudos no antigo Grupo Escolar de Piquete, aos onze anos de idade. Eunice gosta de citar o diretor nessa época, professor Luiz de Castro Pinto, e suas professoras Leonor Guimarães (1º ano), Palmyra Ferrari (2º ano), Virgulina Machada (3º ano) e Alcina Rodrigues (4º ano). Daquele tempo, guarda carinhosamente, como recordação, uma fotografia com todos os colegas do grupo.

Entre 1945 e 1951, estudou em Lorena, concluindo os cursos Ginásial e de Magistério na Escola Normal Livre Patrocínio de São José. Em 1954, após aprovação em Concurso para professora do Estado de São Paulo, foi lecionar em São Bento do Sapucaí, na Escola Isolada do Bairro do Cantagalo, distante 20km da cidade. Sem outra opção de transporte, Eunice deslocava-se a cavalo para a escola. Como não sabia montar, foi obrigada a aprender, no dia-a-dia. “À custa de várias quedas...”, relembra.

Algum tempo depois, “não sei precisar em que ano”, retornou a Piquete, indo lecionar na Escola Mista do Bairro do Benfica: “Para lá, já ia de charrete...”. Depois, comissionada, trabalhou na Escola Duque de Caxias, sob a direção do Prof. Leopoldo Marcondes de Moura Netto. Em 1957 foi removida para o Grupo Escolar Antônio João, onde permaneceu por quase 25 anos.

Professora concursada, Eunice Fernandes não se acomodou: iniciou suas atividades como professora primária. Posteriormente, no ensino médio, lecionou Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Educação Moral e Cívica, Desenho Pedagógico, Literatura e Língua Portuguesa. Em 1963 formou-se em Administração Escolar, no Instituto de Educação Conselheiro Rodrigues Alves, em Guaratinguetá.



Bacharelou-se em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, em 1968, onde obteve, também, o diploma de Orientadora Escolar, em 1970. Em 1974 concluiu ainda o Curso de Letras, especializada em Língua Portuguesa e Literatura. Em 1975, nomeada através de concurso para a Escola de 1º e 2º graus Profª Leonor Guimarães, em Piquete, exerceu as funções de Coordenadora de Ensino, Assistente de Direção e Diretora. Realizou vários cursos de extensão universitária e inúmeros seminários de estudos pedagógicos.

Após 30 anos de trabalho, aposentou-se em 1981, mas não deixou o magistério, tendo lecionado por mais quinze anos na Escola Estadual Darwin Felix e no antigo Grupo da Fábrica.

Religiosa, devota de Nossa Senhora, pertenceu, por muitos anos, à Pia União das Filhas de Maria. Foi catequista. Sensível e de gosto estético apurado, cursou o

Conservatório Musical, em Lorena, onde aprendeu a tocar violino. Atualmente, afastada das lides escolares, desenvolve suas habilidades de pintura. Participa de várias exposições em Piquete e no Vale do Paraíba. Suas crônicas e poesias, singelas e didáticas, são por vezes publicadas nos jornais “O Estafeta” e “Cidade Paisagem”.

Convite ao Professor

A disputa presidencial e os debates entre os candidatos não dão sinais de que essa será uma campanha de grandes registros históricos. Entretanto, não se pode deixar de enaltecer a aula magna que o Doutor em Economia e Professor Titular da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, deu à população brasileira acerca do que seja corrupção no debate realizado pela Rede Globo.

Ele afirmou que a corrupção não é só o enriquecimento ilícito e a transferência de dinheiro público para contas pessoais. Segundo ele, vai além e precisa ser enfrentada em todos os seus aspectos. Como exemplo, citou a ausência do Presidente Lula ao debate, que por não comparecer cometeu um ato de corrupção contra a democracia. Disse ainda que, a definição equivocada ou mal intencionada das prioridades públicas por parte de qualquer governo é também um ato de corrupção gravíssimo.

Diante disso, faço um convite aos professores no mês em que se comemora o seu dia: Vamos pensar juntos? Baseados no conceito de corrupção do Senador Cristovam Buarque, o que apontaríamos como corrupção no espaço da escola?

Todo professor sabe que existem verbas públicas destinadas à educação, ou seja, para a ampliação, melhoria e investimentos de forma geral. Ao não se envolver com tais questões, não fiscalizar a aplicação desses recursos e não denunciar o uso muitas vezes indevido, comete um ato de corrupção?

Quando o professor falta ao trabalho por qualquer motivo, não prepara suas aulas e não se preocupa com a baixa qualidade do ensino, comete um ato de corrupção?

Nos dias de hoje, em que o conhecimento renova-se a cada instante, o professor que não se aperfeiçoa e continua a ensinar as velhas e ultrapassadas lições, comete um ato de corrupção?

Quando a escola não presta contas às famílias dos alunos e à sociedade sobre o seu papel e sobre os resultados que atinge, comete um ato de corrupção?

Quando a escola certifica a conclusão de alunos ao final de cada etapa da educação básica, ciente de que esse aluno não domina as competências necessárias para progredir, comete um ato de corrupção?

Enfim, somos todos corruptos? Não, pelo menos não desejamos ser. Ao contrário, queremos ensinar pautados nos princípios morais e éticos, semear a esperança e a vontade coletiva de transformar o Brasil em uma grande nação. Para tanto, é hora de nos assumirmos como agentes de mudança. Nossa função profissional não se restringe a dar aulas, apesar do valor inestimável que uma boa aula tem. É nossa função também, participar das decisões daquilo que é prioridade para a educação. Ainda, acompanhar e fiscalizar a implementação de tais prioridades, a aplicação dos recursos e denunciar os corruptos.

Atenção corruptos: os professores estão na sua mira!

Laura Cristina Chaves

Alunas da professora Virgulina Machado, terceiro ano do Grupo Escolar de Piquete. Eunice é 5ª da direita para esquerda, na primeira fila.



A Força do Progresso – 1ª Parte

1. A Fábrica de Pólvora Sem Fumaça - Providências iniciais da instalação

Inserida no ideário da primeira década republicana a instalação da Fábrica de Pólvoras Sem Fumaça tornou-se efetivada pelo projeto desenvolvido pelo Ministério da Guerra – na pessoa do Ministro Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, em 1902, e depois concretizado pelo Ministro da Guerra Marechal Francisco de Paula Argollo no governo Rodrigues Alves (1902-1906). O Marechal Mallet fora Ministro da Guerra do Presidente Campos Sales e esteve em Piquete em 1902, a convite do Barão da Bocaina.

A Visita do Marechal Mallet

À convite do Barão da Bocaina, o Marechal Mallet foi recepcionado pelo Coronel da Guarda Nacional, José Mariano Ribeiro da Silva, primeiramente político local, vereador na Vila de Lorena, depois do Conselho de Intendência da Vila Vieira do Piquete, quando de sua emancipação a 15 de junho de 1891. Hospedado no Hotel das Palmeiras de propriedade do citado Coronel, o Marechal Mallet entrou em contato com a sociedade local, foi homenageado e viajou em comitiva para São Francisco dos Campos, acompanhado do Barão de Bocaina.

Dessa viagem resultaram os planos da construção de um sanatório militar em Lavrinhas, próximo a Campos do Jordão, e de uma fábrica de pólvora para ser instalada na fazenda Benfica, além de um ramal ferroviário da Estrada de Ferro Central do Brasil entre Lorena e o Benfica – projeto este que não se concretizou completamente. O ramal, inaugurado a 15 de setembro de 1906, estendeu-se de Lorena a Limeira, local da sede de uma das fazendas que deram lugar à instalação da citada Fábrica.

Coube ao governo que se seguiu, ou seja, do Presidente Rodrigues Alves

(1902-1906), por seu Ministro da Guerra, Marechal Argollo, colocar as obras em execução.

Os projetos técnicos estiveram nas mãos dos engenheiros militares sob a liderança do Tenente-Coronel Augusto Maria Sisson, que se deslocou para Piquete nos inícios de 1905, local escolhido pelos militares e pelos políticos e proprietários locais, entre eles, o Barão da Bocaina (Francisco de Paula Vicente de Azevedo, 1896-1938) e pelo deputado e Coronel da Guarda Nacional, o advogado Dr. Arnolfo de Azevedo. O Tenente-Coronel Sisson, engenheiro militar, provavelmente bem conhecia os trabalhos de Orville Derby, da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e do Serviço Mineralógico do Brasil, fundados e dirigidos por esse norte-americano que se naturalizou brasileiro (1851-1915) e foi o grande deflagrador dos estudos sobre topografia montanhosa e componentes geológicos dos terrenos. Sua principal obra, “Os Picos Altos do Brasil”, publicada pela Revista da Sociedade Brasileira de Geografia entre 1889-1890, anotando observações sobre a serra da Mantiqueira, onde se inclui o Marins e o Maciço das Agulhas Negras, tornou-se paradigmática.

O marco inicial, marco zero da construção da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça, pôde ser identificado no segundo degrau de acesso da portada principal (fachada leste) da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves. Está representado por uma estrela partidária-girondada do mesmo tipo da usada na representação central das Armas Nacionais. Acima dela, no degrau superior, encontra-se a indicação da orientação que serviu de base para a construção da Usina – um losango centralizado por uma esfera. Enfatiza-se a idéia do compasso e da direção norte, tida como a “verdadeira”.

Por que o interesse da produção da pólvora, e no caso, do tipo sem fumaça?

A necessidade de produção de pólvoras para as forças armadas era indiscutível. Já D. João, quando Príncipe-Regente, exilando-se com a Corte portuguesa no Rio de Janeiro em 1808, aí instalou uma fábrica de pólvoras. Foi uma de suas primeiras obras, cuja finalidade era criar na América Portuguesa um rico e poderoso império, visto como utópico, dadas as muitas dificuldades com as quais se defrontava pela dependência da Inglaterra e por falta de recursos próprios. A defesa das fronteiras de um território a ser delimitado e o expansionismo contido no sistema da ocupação justificavam necessidade.

A documentação dos envolvimento nas guerras, desde a tomada de Montevideu pelas tropas portuguesas, os chamados “Voluntários do Príncipe”, depois de “El Rei”, das milícias de São Paulo, e da Capitania de São Pedro, ao Sul, já denotavam as dificuldades na obtenção da pólvora, das armas e dos cartuchos para as armas. Assim também as lutas em Caiena, no norte do território, disputada pelos franceses (hoje a Guiana Francesa). As dificuldades também se evidenciaram nos eventos da Guerra do Paraguai, na Campanha de Canudos, e em outras insurreições, todas referências do século XIX. Documentos originais são encontrados na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, historicizando esses acontecimentos.

Dóli de Castro Ferreira

Nota: Este trabalho está dividido em partes que serão continuadas nos próximos números do “O ESTAFETA”.

15 de setembro de 2006: marco na história contemporânea de Piquete

No dia 15 de setembro foi comemorado o centenário de inauguração da Represa Marechal Argollo, da Usina Hidrelétrica e da Estação Ferroviária Rodrigues Alves. Estes prédios foram e são significativos para a história piquetense. No passado, simbolizaram o progresso e a modernidade. Atualmente, representam o resultado do trabalho e obstinação de inúmeros braços e mentes, que durante 100 anos foram a força mantenedora da Fábrica e, conseqüentemente, de Piquete. Unidos na finalidade, são símbolos de nosso município.

A Represa e a Usina produziram a força transmutada em energia que sustentou por

décadas a Fábrica. A Estação e o Ramal Férreo foram as veias por onde fluíu todo o material necessário para a construção e, posteriormente, a manutenção da empresa.

Dessa forma, foi emocionante, por meio da Fundação Christiano Rosa, participar de todo o período de “ressuscitação” da Usina. Foi por demais gratificante poder estar com pessoas que se entregaram – voluntariamente ou não – a esse empreendimento, virando noites em claro com a única finalidade de concluí-lo, devolvendo à comunidade uma obra destinada a se tornar marco em nossa história, O Memorial concentra imagens, textos, suor e inspiração.

À dívida de Piquete com a FPV, mais uma cota foi acrescentada. E milhões de dólares não seriam suficientes para resgatá-la, pois a história não se faz com altas somas, sejam elas públicas ou privadas, mas sim com obstinação, seriedade e ética. A única forma de retribuição esperada é o reforço do comprometimento da população com esse novo espaço: Piquete, os piquetenses e a Fábrica somos um só. Assim, tratemos nossa história como gostaríamos de ser tratados. Divulgá-la entre os mais jovens e para visitantes é uma forma de mantermos vivo o orgulho de ser piquetenses.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

A inauguração do Memorial da Usina contou com a presença de um bisneto do Presidente Rodrigues Alves, Luis Eduardo da C. Carvalho, e de uma sobrinha neta, que descerraram a placa comemorativa juntamente com os generais Cássio Cunha, presidente da IMBEL, e Burman, presidente da POUPEX, financiadora do projeto. A diretoria da FCR, parceira da IMBEL/FCR, também se fez presente neste dia, que marcou definitivamente a história de Piquete.



Fotos Thiago Batista dos Santos

O ano Jubilar de 2006 - comemoração de Alberto Santos-Dumont

Mnemosine, a Memória, é filha de Chronos (o Tempo) e Géia (a Terra). Conduzida por Clio, a musa da História, resguarda, no sagrado, o campo das ações. Sem memória não há raiz. Sem raiz, não há vida, apenas simulacro.

1906 foi um ano auspicioso no calendário dos eventos da nacionalidade brasileira. Nacionalidade que se formava invocando o progresso, a ciência, a racionalidade e a busca de uma definição para a identidade dos seus componentes – o povo.

O governo do presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves, marcado pelas grandes referências no campo da saúde – o uso da vacina, vencendo as resistências contrárias; no campo da limpeza e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro, no estímulo ao industrialismo, à imigração e à chegada da Fábrica de Pólvora a Piquete, além dos trilhos ferroviários, da iluminação e energia motriz, e de uma experiência moderna de urbanização na Vila Militar da Estrela do Norte, como obras que, hoje centenárias, são apanágio de uma idéia republicana, dinâmica em suas contradições, mas vitoriosa em seus propósitos.

Pois bem. Esta nossa edição de “O Estafeta” comemora, além dos centenários em Piquete, também o centenário do primeiro curto vôo do 14-BIS, realizado em Paris, sob o comando do brasileiro Alberto Santos Dumont, descendente de franceses e brasileiros, que marcou seu lugar na História como o primeiro homem a voar. Decolou,

voou e aterrisou. Apaixonado pelos balões, em Paris ele percorreu os céus e, contornando a Torre Eiffel com o dirigível nº 6, comprovou sua navegabilidade. Com o dirigível de nº 14 e depois com o aeroplano

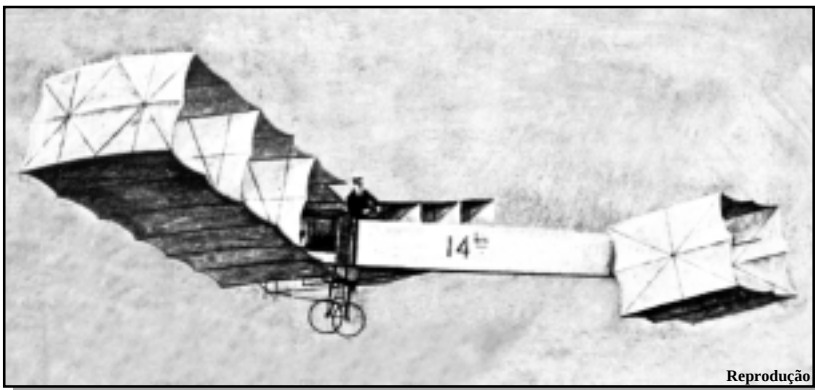
nessas primeiras difíceis experiências. O desafio era muito grande. Entretanto, Santos Dumont não desanimou e conseguiu fazer vingar seus projetos – afinal, foram 20 projetos aeronáuticos em apenas 11 anos, culminando com o de número 20, o Demoiselle.

Em 1919 Santos Dumont recebeu, por doação do governo brasileiro, a casa em que nascera, em Cabangu, Minas Gerais, onde é homenageado por uma placa que ele próprio instalou. Nela, os dizeres – “Esta casa, onde nasci, me foi oferecida pelo Congresso Nacional, como prêmio dos meus trabalhos. Santos Dumont (agradecido)”.

A polêmica sobre o pioneirismo da aviação e do vôo é disputada, tendo nos norte-americanos, os irmãos Wright, os principais contestadores exigindo a primazia da primeira experiência de vôo. Notícias dadas pelos Estados Unidos anunciavam que os irmãos Wright haviam voado num aeroplano a 17 de dezembro de 1903. Mas agora um telegrama noticioso, não houve confirmações e provas. Reconhecido pelos franceses e europeus em geral, Santos Dumont ocupa o panteão dos inventores e experimentadores da aviação.

A indústria aeronáutica brasileira está hoje como a quarta do mundo, fiel aos propósitos iniciais dos sonhos de Santos Dumont.

Dóli de Castro Ferreira



14-BIS, realizou o celebrado vôo com o mais pesado que o ar, e fez jus ao prêmio Ernest Archdeacon. O dirigível de nº 14 rendeu-lhe a medalha da Legião de Honra da França, no grau de Cavaleiro.

O 14-BIS, na verdade, foi primeiramente testado com ligação ao dirigível de número 14, até que o engenho alado estivesse pronto para o seu vôo solo. No dia 23 de outubro de 1906, Santos Dumont decola, em Bagatelle, Paris, e após voar 60 metros a uma altura de 3 metros, aterrisa. A 12 de novembro realiza outra experiência e voa 220 metros, em 21 segundos e velocidade média de 37,4 km a uma altura de 6 metros.

Parece pouco? Não é, para a época,

A semente da impunidade

Ruth Guimarães

A didática tem dois ramais: o elogio e a censura. A aprovação e a reprovação. Quando se deu a famigerada disposição que criou o Professor-Saci (com a aprovação de caminhar somente num pé, isto é, do professor louvaminheiro, que só dá boas notas, do professor isto pode isto não pode, louvar pode, reprovar não pode) restou ao magister, na defesa do seu meio pão de cada dia, ajoelhar-se humildemente diante do educando, rogar-lhe que queira aprender (quando os quereres ele devia ter trazido de casa).

Todos sabem que criança aprende com a maior facilidade. Se o método for bom, com seis semanas o curumim já estará de posse do código das letras.

Esta que vos fala foi alfabetizada aos cinco anos, aprendeu a ler (não aprendeu a escrever) só de ouvir. É que eu estava lá, por estar, fazendo hora. A professorinha de uma classe anexada do primeiro ao terceiro ano, com alunos, quase cinquenta, de cinco anos aos dezesseis, organizou um coral falado, isto é, cantava as lições, oito, dez, quarenta vezes, exaustivamente, até que todos ficassem sabendo. Eu lá estava, ouvindo. Não sei das proezas do meu subconsciente, mas era criança, cabeça leve, limpa, nada para pensar das tristezas da

vida. Mente lisa e virgem. Ah! Estava lá fazendo hora e cantando.

Houve inúmeras reformas de ensino, cada qual mais incompleta, mais falha e talvez pior do que as antecedentes. Massacrando o método e desconsiderando o comportamento. A grande destruição, o onze de setembro do ensino foi a impunidade, posta em vigor no governo de sr. FHC. O método seria o construtivismo, para dar no letramento. Em suma, era o seguinte: fosse o aluno vadio, faltoso, desatento, mal educado, não tivesse trazido nada do berço, que importava isso? Se não aprendesse, seria aprovado do mesmo jeito. É proibido reprovar.

Estando falando de métodos de ensino, de leis de Pedagogia ou de impunidade? Esta começa na escola, na creche, no berço, e vai até as câmaras do nosso infeliz Legislativo. Ao infinito. Alastra-se como mancha de óleo.

A Escola Nova tem mais de oitenta anos. Chegou preconizando não bater no educando de vara de marmelo, nem dar bolos de palmatória, nem deixar o faltoso ajoelhado em cima de grãos de milho. Foi um grande passo à frente, em direção da civilização. Mas demos um grande passo atrás com a tal história da impunidade. É proibido corrigir.

Não se trata de métodos de letramento,

mas de aprender a ser gente. Enquanto discutimos construtivismo ou métodos fônicos, continua a impunidade e o ensino degradingola.

A lei da vida é o movimento e o movimento prova-se caminhando. Se não formos para a frente, voltamos para “vovô viu a ave”...

Mas, aqui entre nós, estamos voltando é para o B com A faz BA... Cantado.

Ruth Guimarães Botelho nasceu em Cachoeira Paulista/SP, a 13 de junho de 1920. É licenciada em Letras Clássicas, especializada em Filologia Romântica, Literatura Brasileira e Portuguesa. Fez cursos de Belas Artes, Folclore e Estética.

Lecionou Português durante 30 anos na rede de ensino do Estado de São Paulo e em várias faculdades. Foi articulista e colaboradora de muitos jornais, entre eles o “Estadão” e “Folha de São Paulo”. Escriitora por vocação e escolha, publicou 17 livros, entre outros, Água Funda, em 1946, pela Editora Globo, que marcou o romance brasileiro naquela década. Traduziu obras de Honoré de Balzac, Dostoiévski, Alphonse Daudet e Alexandre Dumas.

Crônicas Pitorescas

Força maior...

Palmyro Masiero

Como é imprevisível a reação das pessoas diante de certas circunstâncias! As mais diversas formas de expressão, de gestos e de atos demonstram um corolário de ações das mais variadas: choros, gritos, apatia total, desmaios, violência, desespero, xingamentos e por aí a fora.

A madame vinha dirigindo pelo centro da cidade, absorta em seus pensamentos e a uma velocidade condigna. Todavia (se não houvesse este “todavia” aí, a história não seria escrita), sua atenção devia estar um tanto afastada do trânsito. À sua frente, vários outros carros seguiam a mesma artéria. Tudo fluindo normal. No cruzamento, o sinal deu a ordem de “pare”, isto é, vermelhou. Freou o primeiro carro, o segundo, o terceiro e o quarto... “pimba!”... foi em cheio na traseira do terceiro. O quarto era o da madame a qual nós estávamos focalizando.

Desce o motorista do carro da frente, entre branco e assustado, para logo chegar ao limiar da raiva. Nossa enfocada, depois de ter metido a cara na direção, recostara-se respirando fundo, entre branca e assustada, até chegar ao limiar da culpabilidade. O batido chegou gritando, mas vendo o estado apalermado em que ainda se encontrava a motorista causadora do choque, fraternalmente abriu a porta para ver se algo mais grave havia acontecido. Ajudou-a a descer e no meio do amontoado de gente que nesse hora pinta no pedaço, foi constatado que nada acontecera de mais sério. Só susto. Enquanto isso a carraçada atrás buzina mais do que o Chacrinha no seu programa (logicamente contando todas as que dera desde que iniciou a carreira!)

Quando conseguiu falar, trêmula,

nervosa ainda, reconheceu a culpa. Não sabia explicar como aquilo acontecera, responsabilizar-se-ia pelos consertos, tudo dito num fôlego só. Apareceu alguém – impressionante como surge sempre um anjo amigo – com um copo com água para a mulher.

O trânsito parado. A estridência dos sons das buzinas incomodava até o surdinho de nascença morador lá na Xororoca. No cento da barafunda que se formara, com gente falando de todos os lados, a mulher estava mais perdida que galinha no hora de botar e sem encontrar ninho. Ouvia o que falavam, concordava mecanicamente, mas dava a impressão de que sua inquietude e sua excitação não estavam presas ao acontecimento. Algo maior a estava incomodando. Num relance, avistou uma loja em frente. Pediu licença aos curiosos e adentrou-a correndo, rogando a quem estava lá que a deixassem telefonar. Explicou que sofrera um acidente de carro – coisa supérflua, pois todos ali já haviam estado no local – e conseguiu autorização para ligar.

Discou. Impaciente esperava o atendimento ao chamado. De repente, um brilho seguro em seus olhos deu a entender que fora atendida:

– Alô! Bem? Olha, por favor, desliga depressa o fogão senão queima a comida. Vou demorar um pouco porque bati o carro...

– ...

– Não, não... Pode deixar que eu resolvo. Mas desliga o fogo depressa. Não se esqueça!

Desligou. Agora, calma, aliviada, foi cuidar do problema da batida...

Centenário da Represa Marechal Argollo e Estação Ferroviária Rodrigues Alves

No dia 15 de setembro, comemorou-se o centenário da inauguração da Represa Marechal Argollo, localizada no interior da Fábrica Presidente Vargas, e da Estação Ferroviária Rodrigues Alves.

Na Fábrica, foi apresentado aos diversos convidados o resultado da reforma da barragem e de seu entorno, e descerrada a placa original da obra, totalmente recuperada por funcionários da FPV. Além do General Fernando Velloso Manguinho, superintendente da Fábrica e responsável pelo evento, estiveram presentes o Presidente da IMBEL, General Cássio Cunha, o Vice-presidente da IMBEL, General Álvaro de Moraes, o vice-

prefeito de Piquete, o Presidente da Câmara Municipal, representantes da Fundação Christiano Rosa, diretores, funcionários e convidados da empresa. O evento contou, também, com a presença do pároco de Piquete, Padre Severino Cícero, que abençoou o local. Após o evento às margens da represa, foi servido um almoço comemorativo no refeitório da FPV.

Na Estação, o evento comemorativo contou com apresentações do Coral Maria de Nazaré, de Lorena, e do Grupo de Jongo de Piquete. Reformado pela Prefeitura Municipal, o prédio agora deverá sediar a Secretaria Municipal de Turismo.



Fotos Arquivo Pró-Memória

O guizo do gato

Edival da Silva Castro

Alguém me contou esta façanha ou eu vi em algum “cartoon”.

“Os ratos de uma ratolândia reuniram-se e lançaram-se à sorte: qual deles iria colocar o guizo no gato?”

Há tempos, eu e alguns amigos nos reuníamos no bar do Brucutu, que ficava no início da Rua do Piquete, para tomar algumas cervejinhas e jogar conversa fora. O tira-gosto, de mau gosto, eram ovos fritos moles com pão. A pessoa que pagava a conta gostava desse tipo de petisco.

Essa reunião acontecia no mínimo duas vezes por semana. Já não agüentava mais ter como tira-gosto ovos fritos moles com pão; a cerveja sim, uma tal de faixa azul descia macio.

Certa noitinha, encontrava-me no bilhar do Zé Serafim, quando meu amigo (omito seu nome, por não mais estar entre nós) chegou e falou:

– Maninho, vamos para o bar do Brucutu! Hoje o tira-gosto vai ser diferente!

– O que vai ser?

– Não! Não posso lhe dizer. É surpresa. Vamos!

Atravessamos a rua e adentramos o bar.

Havia outros três amigos esperando. Sentamo-nos e o Brucutu com um pano de prato sobre o ombro esquerdo chegou, nos cumprimentou, colocou pratos, talheres e uma travessa de pão sobre a mesa. Pensei: lá vêm ovos fritos moles de novo. Que nada! Voltou com duas faixas azuis e uma tigela com algo refogado. Alguém foi dizendo e experimentando:

– Isto é lebre, e pelo cheiro deve estar apetitosa!

Abocanhou um pedaço de pão ao molho, que abriu o apetite de todos, inclusive o meu. Todos nós deitamos e rolamos na tigela do leprino. Teve um engraçadinho que tomou o último caldo virando a vasilha na boca. Risos e elogios ficaram como saideira.

Lá fora, meu amigo perguntou-me:

– E daí, maninho, gostou do tira-gosto?

– Foi melhor do que ovos fritos moles com pão, respondi.

– Sabe de uma coisa, você é meu amigo e vou contar-lhe a verdade! Nós comemos guisado de gato! E deu uma sonora gargalhada.

– O quê? Guisado de gato?!

– Meu amigo, só quero saber de uma coisa.

– Diga!

– Quem tirou o guizo do gato?

Nunca obtive resposta.

Retrato de uma educadora

Criança é canção mimosa,
Que fala, diz o que sente.
Alegre como uma rosa,
Encanta a vida da gente.”

Autor desconhecido

(folha de rosto do Semanário da Professora Maria do Carmo Amaral Paschoal)

Sala de jantar. Uma mesa de madeira enorme. Nela se anunciava o início das aulas anuais. Cadernos e mais cadernos, rolos de papel impermeável azul, bolos de etiquetas brancas. Era sempre assim em fevereiro. Com a maior paciência e perfeição, “seu” Paschoal, o marido, os encapava. Assim recebiam os cadernos todos os alunos da professora Maria do Carmo.

Volta às aulas, volta à rotina de um lar transformado em escola-reforço. Nessa mesma sala, a essa mesma mesa, seus alunos se sentavam para estudar. Havia um quadro-negro pregado à parede onde os alunos faziam ditado, teciam frases e resolviam continhas.

Maria do Carmo nasceu em maio de 1913, no dia 04, em Campinas, onde fez seus estudos do primário na Escola Normal. Em seu livro de recordações há uma frase de Dom Agnelo Rossi: “Irmã de Bispo. Quanta responsabilidade! – A fervorosa Maria... “Quando Dom Francisco Borja do Amaral assumiu a diocese de Lorena, como primeiro bispo da cidade, Maria do Carmo acompanhou seus familiares.

Casou-se com José Paschoal Netto e passou a lecionar no educandário da Irmã Zoraide. Ingressou no magistério estadual como professora rural. Natividade da Serra foi sua prova de fogo, hoje submersa pela criação de uma represa. Ia no caminhão leiteiro ou no carregado de carvão. Depois, cavalgava no lombo de um burro que, pachorrentamente, a esperava; ou andava léguas a pé por caminhos sombreados de árvores altas, muitas vezes debaixo de temporal e cheia de temores. Morava lá, na casa de outra Maria, que sofria das faculdades mentais. Ela contava que a mulher aproveitava a água do seu banho para banhar os filhos: “era p’ra pegar inteligência e sabedoria da professora”. À noite, no quarto, arrastava o guarda-roupa até à porta, para se livrar dos ataques e sandices da velha hospedeira.

Certa vez, o caminhão leiteiro adernou na beira do rio e lá se foi a professorinha rio abaixo. Foi salva pelo sobrinho Zinho (professor Átila Paschoal de Castro), que a pegou pelas tranças. Que tranças lindas ela tinha!

Após longo tempo na zona rural, foi removida para Piquete. Lecionava em duas escolas.

Um dia, o diretor de uma delas impediu que um aluno seu entrasse na sala de aula porque estava descalço. Inconformada, transferiu o pupilo para o Grupo Escolar

“Antônio João”, exonerando-se daquela.

Como era difícil substituir dona Maria! Não havia normalista preparada para o ritmo que imprimia em suas aulas. Enquanto colegas eram elogiadas pela rígida disciplina e absoluto silêncio nas classes (onde poderia se ouvir o zumbido de uma mosca), o inverso ocorria na sua sala. O alarido e a movimentação eram uma constante. Dizia que o bulício, as travessuras e a inquietude faziam parte da infância. Só não aceitava aluno malcriado e que falasse palavrão.



Foto Arquivo Pró-Memória

Dona Conceição Godoy, diretora do “Antônio João”, respondia quando indagada: “A sala da dona Maria? Escuta o barulho e procure a cabecinha branca entre as carteiras. E ela”!

Pois é, já àquela época dona Maria do Carmo adotara o ritmo próprio e o sistema de monitoria. O aluno que solucionava os problemas sobre as quatro operações passava para a composição de histórias ou descrição à vista de uma gravura. Em seguida ia fazer continhas no quadro e, então, era convocado a ensinar o colega com dificuldade de aprendizagem. Ela acreditava que, muitas vezes, era mais fácil um aluno chegar ao outro do que o próprio professor, e sempre dizia ao menino-monitor: “Não faça p’ra ele. Raciocine alto, ensine-o com suas palavras”. E não é que dava certo?

Fechem os olhos e imaginem uma sala com esta dinâmica: a conversa correndo solta, os alunos perambulando pela sala, ela sentada nas carteiras, individualizando cada aluno, os monitores mirins ao lado de seus “discípulos”. Um canteiro de obras! Uma sala plena de alegria, de atividades variadas, de vida. E, nesta “*não didática*” da época, a professora de Didática de Ensino da Escola Normal Particular “Duque de Caxias”, Ricarda Godoy, apregoava às normalistas: “Os melhores alunos em raciocínio de Piquete são os alunos de Dona Maria do Carmo”.

Era uma professora encantada com o progresso de seus alunos e que jamais deixou adormecer a criança que havia dentro dela. Bem, naqueles tempos, a aprovação para a série seguinte dependia apenas da prova final. Dona Maria também não concordava. “Quem sabe se o aluno tem competência é o professor”, já dizia. Em razão disto, cometeu

um “crime” - falsidade ideológica? Registrem a cena: Prova de aritmética. Os papéis sobre a mesa. Dona Maria é convidada a se retirar da sala e assume o comando o Inspetor de Ensino da Seccional de Guaratinguetá. Terminada a prova, o Inspetor as corrige e as entrega. Um bom aluno teve nota 25; o outro, 75. Pensou: O bom aluno com certeza ficou nervoso; o outro só pode ter copiado do colega e nas barbas do Inspetor! E o dilema se instalou: aprovar o que não sabia e reprovar o competente? A nota está dada e assinada com caneta-tinteiro. Não cabe rasura. Em casa, chama a filha e, sobre a mesa de madeira, apaga os nomes dos dois alunos e os dita para a menina escrever. Com os nomes trocados, naturalmente! Só outra criança poderia fazê-lo e não a letra bonita da professora. E ficou em paz com sua consciência.

Alunos indisciplinados, com desvios de comportamento, expulsos de outras escolas (é... naquela época havia expulsão), ela os aceitava e dizia: “Se ele concluir o segundo ano, em qualquer época de vida estará

apto a retomar os estudos, ou a enfrentar a vida com menos dificuldade, porque os rudimentos da língua e da matemática foram plantados e sedimentados.”

Pedia ao servente (Seu Silvestre?) que fosse à casa dos alunos faltosos, quando não era ela mesma a ir resgatá-los. Em Piquete, muitas pessoas passaram a estudar ou retomaram aos bancos escolares graças ao empenho e insistência da Professora. Abria um sorriso prazeroso quando ouvia: “Dona Maria, voltei a estudar”.

O tempo passou e veio a aposentadoria. Em 1984, quando de uma viagem a Brasília, adoeceu e faleceu. De acordo com sua vontade, seu corpo foi doado para a Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Padre Samuel, então capelão do hospital e hoje pároco da Paróquia do Verbo Divino, em sua oração de despedida afirmou não haver dormido naquela noite. “emocionado com o gesto de tamanha generosidade, um gesto de amor à humanidade”.

Eis a trajetória de uma educadora de atitudes corajosas, inovadora, vibrante em sala de aula, que amou, acima de tudo, o exercício do magistério e seus alunos; que incentivou a educação e a cultura nesta bucólica cidade de Piquete, que abraçou como sua terra. Em silêncio, com humildade, quase em segredo. A ela, a nossa reverência e os nossos aplausos.

Amélia M^a Amaral Pascoal Campelo

Na foto da década de 60 que ilustra o texto, professores do Grupo Escolar “Antônio João”: o diretor, Osmar Rocha Simas, Maria do Carmo, Lucy B. Carrinho, Ruth Brasil, Mariinha Mota, ?, Edda Campos e Maria de Lourdes Brito Vilar

Fotos Thiago Batista dos Santos



A abertura do Seminário contou com palavras do coordenador da USP - EEL, Dr. Nei Fernandes Jr., do presidente da FCR, Paulo Noia de Miranda, e do prefeito de Guaratinguetá e presidente do Comitê das Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), Antônio Gilberto Filippa Jr.

FCR promove "Seminário Águas da Primavera"

Com a presença de aproximadamente 300 pessoas, a Fundação Christiano Rosa promoveu entre os dias 25 e 27 de setembro, na Escola de Engenharia de Lorena (USP), o Seminário "Águas da Primavera". Esse Seminário é parte do projeto "Comitês das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos", um dos empreendimentos priorizados e aprovados pelo CBH-PS em 2005. O evento contou com participantes de 22 cidades, entre educadores, organizações não-governamentais e representantes de universidades, todos interessados na discussão de Educação Ambiental.

Na abertura do encontro estiveram presentes Nei Fernandes Jr., coordenador da Escola de Engenharia de Lorena; o prefeito de Guaratinguetá e Presidente do Comitê das Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), Antônio Gilberto Filippa Jr.; Paulo Noia de Miranda, Presidente da FCR; Edilson de Paula Andrade, Secretário Executivo do CBH-PS; professora Rachel Trajber, Coordenadora Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação; Ricardo Gurg, da Diretoria Geral de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente; Flávio Simões, Diretor da Agência Pró-Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul (AGEVAP); e Professor Fábio Duarte, Diretor Adjunto do CIESP Regional Taubaté, entre outras autoridades.

Durante os três dias do Seminário, foram proferidas palestras por especialistas de diversas áreas. Os temas foram: "A importância da Educação Ambiental para o

Desenvolvimento de Políticas Públicas Sustentáveis", "Instrumentos para o Desenvolvimento de Educação Ambiental nos Municípios", "Organismos de Gestão das Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul", "O Vale do Rio Paraíba do Sul: Conhecer para viver, produzir e preservar", "Sistema Hidrológico da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul", "Fatores que contribuem para a Qualidade do Rio Paraíba do Sul", "Monitoramento das Águas do Paraíba do Sul", "Instrumentos Educacionais para Subsidiar Projetos", "Planejamento e Coordenação de Projetos Ecológicos", "Definição de Conteúdos e Construção de uma Agenda Comum para Planejamento de Programas de Educação Ambiental nos municípios".

De acordo com a responsável técnica do projeto e Presidente do Conselho Curador da FCR, arquiteta Ana Maria de Gouvêa, o evento alcançou seus objetivos e contou com grande representatividade. Segundo ela, a temática do seminário foi focada em Educação Ambiental, com o objetivo de discutir essas questões nas redes estadual, municipal e particular de ensino. "Nossa intenção é que este trabalho evolua para a construção de um projeto de educação ambiental para a bacia hidrográfica do Paraíba do Sul", salienta Ana Maria.

No encerramento do Seminário, estabeleceu-se o mês de novembro para a data do próximo encontro a ser realizado, o qual será destinado à capacitação dos professores da rede pública de ensino interessados em levar a Educação Ambiental para suas respectivas cidades.



Nota da Cidade

✓ A Paróquia de São Miguel comemorou, no dia 07 de outubro, os 118 anos de sua criação pelo então Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato de Carvalho.

✓ Estiveram em Piquete, no dia 27 de setembro, acompanhados de comitiva, os generais de Exército Renato César Tibau da Costa, Chefe do Estado Maior do Exército, e Darke Nunes de Figueiredo, Secretário de Ciências e Tecnologia do Exército. Visitaram as dependências da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça e reuniram-se com os generais Cássio Cunha, Álvaro H. V. de Moraes e Fernando Manguinho, respectivamente presidente e vice-presidente da empresa e superintendente da FPV. Participaram também da reunião diretores, engenheiros e técnicos da IMBEL, para tratar de assuntos de interesse daquela indústria bélica. Os visitantes tiveram oportunidade de conhecer, também, o Memorial da Usina Rodrigues Alves, resultado de um trabalho conjunto entre IMBEL, FPV, POUPEX e Fundação Christiano Rosa.

✓ Comemoraram-se, no dia 29 de setembro, os 65 anos do Coral Santa Cecília, na Matriz de São Miguel, após a tradicional missa das dez horas, celebrada em homenagem ao dia do Padroeiro do município. Os atuais membros do tradicional grupo vocal de nossa cidade se reuniu, em seguida, no restaurante "Xero Verde" para um almoço de confraternização. Parabéns!

✓ Alunos no Viveiro da FCR

Em comemoração ao dia da árvore, 21 de setembro, dezoito turmas da Escola Municipal "Antônio João" visitaram o viveiro de mudas da Fundação Christiano Rosa, localizado no terreno do Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", em Piquete. Acompanhados pelos professores, os alunos receberam, do responsável pelo viveiro, Kiko Ribeiro, explicações sobre como semear, cultivar e plantar mudas de diversas espécies da Mata Atlântica.

Após a visita, os grupos, compostos por alunos do Ensino Fundamental, elaboraram, em sala de aula, como relatórios do conteúdo recebido, redações e desenhos.

Foto Arquivo Pró-Memória

